

## A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA PELA DEFESA: DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL A ARMAS AUTÔNOMAS LETAIS

Thays Felipe David de Oliveira

Desde a descoberta o fogo o homem vem tentando melhorar a sua qualidade de vida por meio das inovações tecnológicas e até os dias atuais não deixa de investir em pesquisas para poder melhorar o que já existe.

Um exemplo de tal perspectiva é o *Jeopardy!*, que é um computador que foi criado pela IBM para responder perguntas sobre diversos temas e posteriormente poder competir com humanos em um jogo de perguntas e respostas que é transmitido nos Estados Unidos ( FORD, 2015).

Inicialmente o sistema implementado no *Jeopardy!* só conseguia acertar 35% das perguntas. A justificativa para tal melhoria segundo a IBM é que à medida que os algoritmos de busca concorrentes geram centenas de respostas possíveis, o Watson, que é plataforma de serviços cognitivos da IBM, começa a classificá-las e compará-las. Uma técnica usada pela máquina é conectar a resposta em potencial à pista original, para formar uma declaração e, em seguida, voltar ao material de referência e procurar um texto corroborado. Portanto, se um dos algoritmos de busca conseguir a resposta correta para uma determinada pergunta. De acordo com Ford (2015) capacidade de Watson de classificar as respostas em linguagem natural com palavras corretas e determinar se tem ou não confiança suficiente para pressionar o *Jeopardy!* .

A partir do exemplo supracitado, percebe-se que há um grande avanço da tecnologia em conjunto com a Inteligência Artificial (IA). Com o passar dos anos, a IA está revolucionando as coisas, que vai desde brinquedos a cidades inteligentes, por exemplo, tendo como base na internet das coisas.

Mas, a definição do que seria Inteligência Artificial de fato, segundo Alhoff (2019) até os dias atuais ainda não existe algo que seja aceitado pelos pesquisadores de forma unanime, já que é algo multifacetado. Uma vez que, a IA foi projetado para automatizar decisões. Dependendo de sua sofisticação, os robôs podem, portanto, ser utilizar à IA demonstrando uma tomada de decisões automatizada em tarefas físicas.

Consequentemente, a Inteligência Artificial, em particular, é muito promissora pois é tida como uma tecnologia fundamental que está impulsionando avanços em robótica, operações cibernéticas, saúde, biotecnologia, eficiência operacional e principalmente na área de defesa.

Há alguns anos a IA está sendo utilizada por muitos países para desenvolver Armas Autônomas Letais para a defesa e segurança dos seus territórios ou para ajuda-los fazer algum tipo de intervenção estatal sem necessitar de humanos.

Essas novas armas têm uma ótima precisão e velocidade comparadas aos recursos existentes e é considerada atualmente como a maior revolução na área da defesa desde a criação da pólvora e das armas militares. É válido salientar que, não estamos falando de veículos aéreos não tripulados (VANT) que já trouxe consigo desde a sua criação uma gama de discussão sobre a sua utilização. Mas sim, de sistemas totalmente autônomos utilizados pelos militares (PERLINSKI, 2017).

Foi nesse contexto que em novembro de 2012 que Departamento de Defesa dos Estados Unidos ( DoD) fez um discursos afirmando que existe uma preocupação e desejo de criação de Armas Autônomas Letais.

A partir de tal posicionamento a sociedade internacional começou a fazer pressão nas Nações Unidas (ONU) para colocar em pauta tal questão e até mesmo criar uma convenção sobre tal temática. Foi realizada então a Convenção de Certas Armas Convencionais e que até o ano de 2017 só houveram três reuniões, mas nenhum acordo foi firmado.

Uma vez que existe ainda muita discussão a respeito de como as Armas Autônomas Letais devem ser utilizadas. Pois, ainda está em pauta a questão do que seria autônomo, o que seria autonomia nesse contexto? O homem poderia operar em algum momento? No que tange a essa questão, o Japão afirmou que seria importante que existisse em tais armas algum tipo de indicador de autonomia (PERLINSKI, 2017).

É válido destacar que até o último relatório enviado para o *Human Right Watch* em 2012, os sistemas declarados até então possuíam diferentes graus de autonomia e isso não deveria ser o foco das discussões em si. Uma vez que, tais robôs não ofereceriam nenhum tipo de perigo a sociedade (MEIER, 2016).

Entretanto, em maio de 2019 houve um salão internacional da *Eurosatory* que deu destaque as Armas Autônomas Letais. Pois, há uma tendência da indústria de defesa investir em robôs de guerra, como por exemplo o **Dogo** que é uma máquina israelense montada em uma lagarta e armada com pistolas de 9mm, ou como Spot o cão robô que acompanha os militares da marinha americana. E por fim, o **SGR A1** criado pela Samsung para monitorar as fronteiras da Coreia do Sul e Coreia do Norte, que tem a capacidade de detectar alvos de forma autônoma.

Mas, estamos no ano de 2019 e ainda não houve nenhum avanço nessa perspectiva. É necessário que as Nações Unidas realizem algum tipo de acordo entre os Estados para poder solucionar tal impasse e conseqüentemente impedir que seja gerado uma nova corrida armamentista.

## REFERÊNCIAS

FORD, Martin. **Rise of the Robots: Technology and the Threat of a Jobless Future**. Basic Books, 2015.

LIN, Patrick; ALLHOFF, Fritz. Arctic 2.0: How Artificial Intelligence Can Help Develop a Frontier. **Ethics & International Affairs**, v. 33, n. 2, p. 193-205, 2019.

MEIER, Michael W. Lethal Autonomous Weapons Systems (Laws): Conducting a Comprehensive Weapons Review. **Temp. Int'l & Comp. LJ**, v. 30, p. 119, 2016.

PERLINSKI, Weronika Alexandra. Autonomous Weapons—the “Kalashnikovs” of Tomorrow? An Analysis of the Meetings of Experts on Lethal Autonomous Weapons Systems within the framework of the United Nations' Convention on Certain Conventional Weapons. 2017.